

**PESSOAS QUE
SE LEMBRAM
DO ESQUECIDO**

estudo dirigido





Mais um excelente
texto do nosso
querido amigo, para
ser estudado.

Gastão Crivelini

Hermínio Correa Miranda

Em outro caso de memória espontânea de existências anteriores, um senhor, identificado por nós como André, viu-se inesperadamente envolvido. Fora apresentado a uma simpática e gentil senhora que estava em companhia de uma netinha de sete anos incompletos, que chamaremos de Renata.

Facilmente atraído por crianças, André dirigiu à nova amiguinha algumas palavras de carinho e abaixou-se à sua altura para beijar sua face. Era escasso, naquele momento, tempo para uma conversa, pois ele tinha compromisso daí a alguns minutos. Após afetuosa despedida, cada um partiu para o seu lado. Poucos dias depois começaram a chegar a André notícias da nova amiguinha, que como logo se soube era sua amiga, sim, mas nada recente, pelo contrário, era um afeto da maior pureza, de muitos e muitos séculos. O encontro, ou por outra, o reencontro causou a Renata e a ele naturalmente, considerável impacto emocional e parece ter destravado o psiquismo dela, seu videoteipe pessoal de lembranças. Sem saber como nem porque, ela começou a falar de aspectos da vivência dele, dos quais não poderia, em circunstâncias normais, ter o mínimo conhecimento consciente. Ela não especulava ou imaginava coisas fantásticas, ela simplesmente sabia de fatos e situações com impressionante precisão. Além do mais, parecia conhecer, com a mesma

segurança e convicção, traços da personalidade e psicológicos de seu amigo. Essa criança, que na presente vida não tem vínculo algum de parentesco com André, comenta com naturalidade espontânea situações de sua vida anterior.

Vivendo agora em lar equilibrado com pais amorosos e de tranquila situação financeira, ela fala de uma existência anterior, de privações e desconfortos, durante a qual não tinha roupas adequadas, nem uma casa razoável para morar.

Lembra-se de que a “outra mãe” não podia, sequer, fazer-lhe um modesto bolo de aniversário.

Não parece, contudo, guardar mágoas de tais provações e privações. E, paradoxalmente, nenhum grande entusiasmo demonstra pela vida atual. É uma das que teriam preferido ficar onde estavam antes de nascer.

– Eu não queria nascer, disse certa vez à mãe.

– Mas por quê?

– Ah, porque não. Eu não queria voltar e começar tudo outra vez, não!

– Mas você está bem contente; lembra todo dia feliz e sorrindo...

– Ué! Agora já nasci de novo não adiantava nada...

Seu nascimento nesta existência, aliás, envolveu complicações que chegaram a pôr em risco sua vida e, obviamente, a da mãe dela. O fato de terem conseguido superar tantas dificuldades é em si mesmo, o que estaria mais próximo de ser um milagre, se esta palavra não estivesse tão desgastada. A primeira alusão de Renata a uma vida anterior, espontânea, como as demais, ocorreu entre os três e quatro anos. Dizia chamar-se Shi-Ni-Nin e ser chinesa ou japonesa, ela



confunde um pouco as duas nacionalidades. Lembra-se de ter sido dançarina e ainda é capaz de reproduzir movimentos e expressão corporal de danças orientais. Mas o interesse pela China permanece na existência atual.

Outro episódio de denso conteúdo emocional ocorreu quando a família passava alguns dias na praia, no litoral fluminense. Eram, ao todo, seis pessoas: Renata, a mãe, o irmão, uma tia e duas primas. Renata insistia em entrar no mar, que estava agitado naquela manhã. (Ela nada muito bem, mergulha, demora-se na água e não tem o menor receio). A mãe é que fica aflita com a sua afoiteza. Ela parece considerar o mar um velho amigo para ser amado e não o poderoso gigante a ser temido.

- Mas, minha filha, reitera a mãe ante sua insistência, o mar está muito forte. É perigoso.

- Eu tenho cuidado, retruca Renata.

- O mar está muito agitado demais e você sabe que eu morro de medo. Já imaginou se você se afogar? Que vou contar de você a seu pai?

- Ah, é isso? Então pode ficar sossegada. Eu já morri afogada uma vez. Mas agora não vou morrer de novo, não.

Tia e mãe se entreolharam.

- Você já morreu afogada? Pergunta a mãe. Que história é essa? (Foi o “disparador” da historinha, que representa um conjunto de fragmentos de mais uma dramática existência, pobre, sofrida e, ao que parece, curta). Ela vivia com a família – pai, mãe e dois irmãos – num casebre

nas proximidades do mar, mas não na praia propriamente. O pai vivia de pequenos serviços, sem trabalho certo. Eventualmente, comiam um pouco de peixe, dado por algum pescador mais caridoso.

A mãe pedia esmolas, em companhia de Renata. Se tinha vergonha de pedir? “Não. Eram pobres mesmo, ué! Não tinha outro jeito...” Ao desagradável incidente com o vizinho, não se deu conta de que entrara muito mar adentro. Uma onda mais forte dominou-a e ela se afogou.

A praia estava deserta, àquela hora. Havia apenas um barco a distância, mas não dava para ouvirem ela gritar. Nessa altura da narrativa, fez-se um silêncio denso de emoções, pois todos ali se sentiram envolvidos na dramática atmosfera que se criara.

Depois de alguns instantes, o irmão de Renata lembra-se de lhe perguntar se ela tinha irmãos.

Ela informa que eram dois; um de três anos de idade e outro de dez anos. Ela era Bibi e o irmão mais velho era Guilherme. Do mais novo ela não se lembrava do nome. Para quebrar novamente o silêncio, a mãe faz mais uma pergunta:

-E seu amigo André? Onde é que ele entra nessa história?

Ainda retida nas malhas da memória remota, numa espécie de transe, a expressão de seu rosto ilumina-se de ternura e ela informa que ele era um homem muito bom que frequentava aquelas paragens. Dava-lhe roupas, brinquedos, doces, calçados, de tudo enfim. E dava esmola à sua mãe.

Quando lhe perguntaram com que idade ela morreu, ainda com o olhar distante e vago, escreveu na



areia o número 12, desenhando o número 1 ao contrário. Regredida ao tempo em que não passava de uma pobre mendiga analfabeta, parece ter escrito o número com a memória de então, mas com os recursos da regressão, começa a desvendar os mistérios das letras e algarismos.

A importância de seu testemunho não se limita à dramaticidade dos episódios com que ilustra suas convicções, mas alcança o teor de tais convicções, na firmeza e naturalidade com que considera a morte, acertadamente, como simples mecanismo de renovação da vida. Não sei por que esse drama todo (comentou ela, a propósito de uma personagem de filme de tevê, que se mostrava apavorada ante a perspectiva da morte).

- Morrer não é nada. Eu já morri muitas vezes. Só que me lembro, é a quarta vez que estou voltando...

Após um dia em que ajudara a mãe mais do que de costume, a fim de suprir, na medida de suas forças, a ausência da faxineira, a mãe, agradecida beijou-a e disse:

-Mas que filha bonita e boa pra mãe dela, que eu tenho. Sabe, às vezes nem acredito que você seja mesmo minha filha. Que eu tenha uma filha assim tão boa.

- Disso você pode ter certeza, (comenta ela com segurança).

- Sou sua filha sim. Eu era um espírito. Aí, entrei na sua barriga e agora sou sua filha.

Como se pode observar, Renata é um ser amadurecido que traz para a nova existência um conjunto de sólidas convicções, o que se revela na extrema competência em avaliar situações e expressar suas ideias. Mesmo através de sua

imaturidade biológica percebe-se a vasta experiência acumulada no passado, em outras vidas.

Embora referindo-se apenas a quatro dessas existências, é fácil perceber que estamos diante de um ser dotado de impressionante potencial e até mesmo de um tipo de autoridade que a sabedoria confere às pessoas que a possuem. Tivemos disso inesperada demonstração.

Vejamos: Certo espírito rebelde e difícil, do qual vínhamos cuidando em nosso grupo, apresentou-se certa noite como que sem alternativas e sem espaço para insistir com sua obstinada rejeição ao nosso acolhimento amoroso. Ela havia exigido que o companheiro fosse falar conosco. O vínculo afetivo que os une, de um passado que ignoramos, mas que está ali presente, era a única amarra que ainda o prendia à esperança de recuperação, pois muito errara pelos caminhos de muitas vidas...

Observem, a seguir, como esta criança coloca, em seu próprio depoimento, o selo da autenticidade. Após o relato da vida difícil, em que morreu afogada, a mãe, consternada ante aquele sofrimento todo, pergunta:

- Diga Renata, por que você se lembra dessas coisas?

- Não sei mamãe. Eu me lembro. Não sei porque.

- Mas - insiste a mãe - todo mundo gosta de lembrar as coisas boas que aconteceram com a gente, mas você só lembra-se de coisas ruins. Por quê?

- Porque é verdade - diz ela, com desconcertante lógica de simplicidade.

- Se fosse mentira, eu não me lembrava.



Quanto ensinamentos têm certas crianças a nos transmitir! Em meu livro “A memória e o tempo” adotei o melhor conceito que encontrei para caracterizar os enigmas da memória:

- A memória - disse uma criança anônima - é aquilo que a gente esquece.

E não é mesmo? Pois só podemos esquecer aquilo que, um dia, sabemos, ou, como diz Renata, aquilo que, um dia, foi uma das verdades da vida.

A literatura especializada tem casos bem documentados em que as reencarnações foram previamente anunciadas e cumpridas. Dois desses, aliás, ocorridos no Brasil, na família do erudito professor Francisco Waldomiro Lorenz, foram incluídos pelo Dr. Ian Stevenson em seu livro citado. Num deles, a pessoa anunciou, ainda em vida, sua futura reencarnação na família Lorenz e cumpriu a palavra, como se pode verificar, com abundância de elementos evidenciais pelo eminente psiquiatra.



NOSSOS FILHOS SÃO ESPÍRITOS
(Hermínio Correa Miranda)



fonte: Calligaris, Rodolfo. As leis morais (Coleção Brasileira. Edição do Kindle.

Do ponto de vista
espírita, pode haver:
esmola sem caridade,
esmola com caridade
e... caridade sem
esmola, dependendo
tudo dos sentimentos
que acompanhem ou
inspirem o modo de
agir das criaturas.



LAR ESPÍRITA VINHADE LUZ

33

Rua Frei Itaparica, 33

(paralela à rua Carlos Gomes)

Vl. Guilherme - Jundiaí

13216.180

(11) 4587.5357

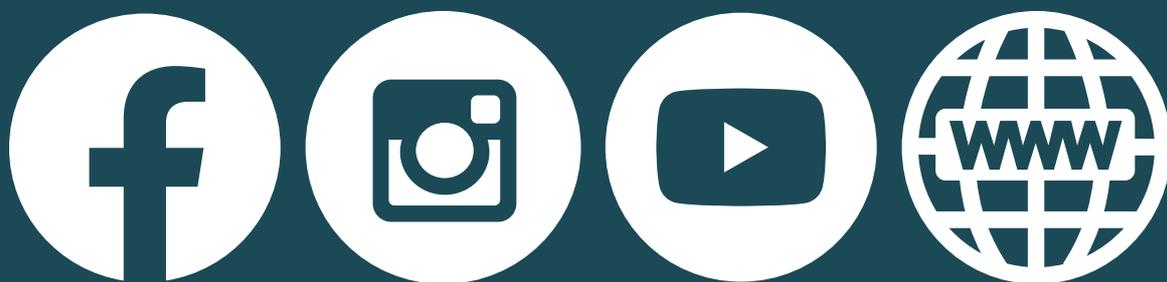


contato@vinhadeluzjundiai.org.br



Visite nossas redes

@vinhadeluzjundiai



www.vinhadeluzjundiai.org.br

Estamos atualizando nossas redes.
Em breve você encontrará muito conteúdo.
Acreditamos que muitas outras pessoas podem
conhecer a Doutrina Espírita.
Por isso contamos com sua ajuda para
curtir, comentar e compartilhar.

